

A PERSONAGEM NA FICÇÃO¹

Parece-me possível, talvez até desejável, que eu seja a única pessoa nesta sala que cometeu a loucura de escrever, de tentar escrever ou de não conseguir escrever um romance. E quando perguntei a mim mesma, levada pelo convite que me fizeram para vir falar sobre a ficção moderna, que demônio era aquele que me sussurrava ao ouvido e me empurrava para a minha perdição, eis que diante de mim surgiu uma pequena figura — de homem ou de mulher — que me disse: “O meu nome é Brown. Agarra-me se puderes.”

São muitos os romancistas que têm uma experiência idêntica. Um Brown, um Smith ou um Jones aparece-lhes e diz com a voz mais sedutora e encantadora do mundo: “Vá, agarra-me se puderes.” E assim, levados por esse fogo-fátuo, eles lá se vão debatendo livro após livro, passando os melhores anos das suas vidas nessa perseguição e recebendo, na maior parte dos casos, muito pouco dinheiro em troca. Mas poucos são os que conseguem agarrar esse fantasma; a maioria tem de se contentar com um farrapo do vestido ou uma mecha de cabelo.

A minha convicção de que homens e mulheres escrevem romances porque são seduzidos a criar uma personagem que se lhes impôs é sancionada por Mr. Arnold Bennett, que diz num artigo que passo a citar: “A base da boa ficção é a criação de personagens e nada mais... O estilo conta; o enredo conta; conta a originalidade da vi-

¹ “Character in Fiction”, 1924 — versão revista de “Mr. Bennett and Mrs. Brown” (1923). (N. T.)

são. Mas nada disto conta tanto como a credibilidade das personagens. Se as personagens forem reais, o romance terá hipóteses de sucesso; se não forem, o seu destino será o esquecimento”. E continua, para acabar por concluir que não temos actualmente jovens romancistas de primeiro plano, porque os que existem são incapazes de criar personagens “com verdadeira personalidade”, que sejam reais, autênticas e convincentes.

São estas questões que, com mais ousadia do que discernimento, pretendo discutir esta noite. Quero perceber o que queremos dizer quando, na ficção, falamos de “personagem”, de “personalidade”; dizer alguma coisa sobre a questão da realidade, levantada por Mr. Bennett; e evocar algumas razões pelas quais os jovens romancistas falham na criação de personagens, se é que realmente falham, como afirma Mr. Bennett. Isto irá levar-me, sei-o bem, a fazer algumas afirmações muito gerais e muito vagas, pois trata-se de uma questão extremamente difícil. Pensem no pouco que sabemos sobre a personalidade — pensem no pouco que sabemos sobre a arte. Mas, para arrumar ideias antes de começar, vou sugerir que agrupem os escritores eduardianos e os escritores georgianos em dois campos; vou chamar eduardianos a Mr. Wells, Mr. Bennett e Mr. Galsworthy, e georgianos a Mr. Forster, Mr. Lawrence, Mr. Strachey, Mr. Joyce e Mr. Eliot. E peço desculpa se, com intolerável egoísmo, falo na primeira pessoa. Mas não quero atribuir ao mundo em geral as opiniões desta pessoa isolada, mal informada e pouco sensata.

A minha primeira afirmação, com a qual penso que estarão de acordo, é que cada um dos presentes é um avaliador da personalidade. Na verdade, seria impossível uma pessoa viver um ano que fosse sem grandes dissabores a menos que seja uma boa avaliadora da personalidade das outras pessoas, das “personagens” que a rodeiam, e possua algumas competências nessa arte. Os nossos casamentos e as nossas amizades dependem disso; todos os dias surgem problemas que só essa arte pode ajudar a resolver. E agora vou arriscar uma segunda afirmação, talvez mais controversa, a de que em Dezembro de 1910, mais coisa menos coisa, a personalidade humana mudou, as “personagens” humanas mudaram.

Não digo que tenha sido como ir de repente lá fora, como se pode ir ao jardim, e ver que uma rosa desabrochou ou que uma galinha pôs

um ovo. A mudança não foi assim tão súbita e definitiva. Mas houve, no entanto, uma mudança; e como há que ser arbitrário, vamos colocar a data por volta de 1910. Os primeiros sinais dessa mudança estão registados nos livros de Samuel Butler, em particular *The Way of all Flesh*², e as peças de Bernard Shaw continuam a registá-la. Nas nossas vidas é visível essa mudança, se me é permitido usar um exemplo corriqueiro, na personagem da cozinheira. A cozinheira vitoriana vivia nas profundezas, qual leviatã, formidável, silenciosa, obscura, imperscrutável; a cozinheira georgiana é uma criatura que gosta de sol e de ar fresco; entra e sai da sala, ora para pedir emprestado o *Daily Herald*, ora para pedir conselhos sobre um chapéu. Precisam de exemplos mais solenes do poder da raça humana para mudar? Leiam *Agamémnon* e vejam se, com o passar do tempo, as simpatias não vão quase todas inteiramente para Clitemnestra. Ou considerem a vida conjugal dos Carlyles, e chorem o desperdício, a futilidade, para ele e para ela, dessa horrível tradição doméstica que consentia que uma mulher de génio passasse o tempo a perseguir insectos e a arear panelas em vez de escrever livros. Todas as relações humanas se alteraram — entre patrões e criados, maridos e mulheres, pais e filhos. E quando as relações humanas mudam, ocorre simultaneamente uma mudança na religião, na conduta, na política e na literatura. Vamos acordar entre nós situar estas mudanças por volta de 1910.

Disse que as pessoas têm de adquirir uma boa dose de competência como avaliadoras da personalidade se quiserem viver um só ano que seja das suas vidas sem dissabores. Mas essa é a arte dos jovens. Na meia-idade e na velhice a arte é praticada sobretudo pela arte em si mesma, e as amizades e outras aventuras e experiências na arte de ler a personalidade raramente são praticadas. Mas os romancistas diferem do resto do mundo porque não param de se interessar pela personalidade, pelas “personagens”, quando já aprenderam o suficiente a esse respeito para fins práticos. E vão ainda mais longe; sentem que há permanentemente algo de interessante na personagem em si mesma. Quando todos os aspectos práticos da vida são relegados para segundo plano, há algo nas pessoas que continua a parecer-

2 *O Caminho da Vida* / Samuel Butler; trad. de Leyguarda Ferreira. Lisboa: Edições Romano Torres, 1957. (N. T.)

-lhes de extrema importância apesar de não ter qualquer relação com a sua felicidade, conforto ou rendimento. O estudo da personalidade, da personagem, torna-se para eles uma busca absorvente; transmitir a personalidade, uma obsessão. E é isto que eu acho muito difícil de explicar: o que é que os romancistas querem dizer quando falam de personalidade, de personagem, que impulso é esse que de vez em quando os leva com tanta premência e tanta frequência a darem corpo à sua visão na escrita.

Por isso, se me permitem, em vez de analisar e abstrair, vou contar-lhes uma história simples que, embora inconsequente, tem o mérito de ser verídica; uma história sobre uma viagem de Richmond a Waterloo, na esperança de lhes conseguir mostrar o que quero dizer quando falo de personalidade propriamente dita, para que possam perceber os vários aspectos que pode assumir, e os perigos tremendos que ameaçam directamente os escritores quando tentam descrevê-la por palavras.

Uma noite, há algumas semanas, cheguei atrasada ao comboio e saltei para a primeira carruagem que vi à minha frente. Ao sentar-me, tive a sensação estranha e desconfortável de estar a interromper uma conversa entre duas pessoas que já lá estavam sentadas. Não que fossem jovens ou felizes. Muito longe disso. Eram ambas já entradas na idade, a mulher com mais de sessenta, o homem bem para lá dos quarenta. Estavam sentados frente a frente, e o homem, que, a julgar pela atitude e faces afoqueadas, tinha estado inclinado para a frente a falar enfaticamente, encostou-se para trás e remeteu-se ao silêncio. Eu tinha-o perturbado e ele estava aborrecido. A senhora, contudo, a quem vou chamar Mrs. Brown, pareceu ficar bastante aliviada. Era uma dessas senhoras de idade irrepreensíveis, mas causticadas, cujo extremo aprumo — tudo muito bem abotoado, apertado, pregado, remendado e escovado — é um indício mais seguro de pobreza extrema do que os andrajos e a imundície. Havia nela algo de atormentado — um ar de sofrimento, de apreensão, e, além disso, era extremamente pequena. Os seus pés, numas botinhas muito limpas, mal chegavam ao chão. Achei que ela não tinha ninguém; que tinha de tomar as decisões sozinha; que, tendo sido abandonada ou ficado viúva há vários anos, tinha tido uma vida de sofrimento e ansiedade, criando talvez o seu único filho, que, muito provavelmente, estava

nesta altura a enveredar pela má vida. Tudo isto me passou pela cabeça enquanto ali estava sentada, a sentir, como a maioria das pessoas, o desconforto de viajar com outros passageiros, a menos que, de um modo ou de outro, já estivesse a contar com elas. Depois olhei para o homem. Não tinha nada que ver com Mrs. Brown, disse eu tinha a certeza; era maior, mais entroncado e menos refinado. Parecia-me um homem de negócios, muito provavelmente um respeitável negociante de cereais do Norte, vestido com um fato de boa sarja azul, canivete e lenço de seda no bolso, e um bom saco de couro. Era óbvio, porém, que tinha um assunto desagradável para tratar com Mrs. Brown; talvez algum negócio secreto e escuso que não queriam discutir na minha presença.

— Sim, os Crofts tiveram muito pouca sorte com os criados — disse pensativo Mr. Smith (como lhe vou chamar), retomando um anterior tópico de conversa, para manter as aparências.

— Ah, coitados — disse Mrs. Brown, algo condescendente. — A minha avó tinha uma criada que foi lá para casa com quinze anos e lá ficou até aos oitenta. — (Isto foi dito com algum ressentimento e contundente orgulho, talvez para nos impressionar aos dois).

— Hoje em dia é raro encontrar um caso como esse — disse Mr. Smith, conciliador.

Depois ambos se calaram.

— É estranho que não façam ali um campo de golfe... Pensei que um dos tipos mais novos o fizesse — disse Mr. Smith, pois era óbvio que o silêncio estava a deixá-lo pouco à vontade.

Mrs. Brown não se deu ao trabalho de responder.

— Quantas mudanças estão a acontecer nesta parte do mundo — disse Mr. Smith olhando pela janela ao mesmo tempo que me lançava um olhar furtivo.

Era claro, pelo silêncio de Mrs. Brown e pela afabilidade forçada com que Mr. Smith falava, que ele tinha sobre ela um poder que exercia de forma muito desagradável. Podiam ter sido os maus passos do filho ou algum episódio doloroso no passado dela, ou da filha. Talvez ela fosse a caminho de Londres para assinar uma escritura para passar bens para o nome dele. Era óbvio que estava nas mãos de Mr. Smith contra a sua vontade. Eu já começava a sentir imensa pena dela, quando ela disse, repentina e inconsequentemente: